

Prof. Dr. Alessandro Bandeira Duarte

Prof. Dr. André Pontes

Profa. Ma. Daniela Soares ⁴¹

Resumo: Na filosofia da matemática contemporânea, um debate importante diz respeito ao status ontológico dos números. Em particular, os realistas sustentam que números são objetos. Por outro lado, os antirrealistas rejeitam o carácter objectual dos números. O objetivo da mesa é discutir algumas visões centrais dentro desse debate: redução dos números a conjuntos; platonismo matemático; e estruturalismo matemático.

Palavras-chave: Realismo; Antirrealismo; Platonismo matemático; Estruturalismo matemático; Teoria de conjuntos.

PODERÁ O PLATONISMO DA PLENITUDE SER FORMALMENTE E COERENTEMENTE INTERPRETADO?

Profa. Ma. Daniela Soares⁴²

Resumo: Tradicionalmente, a visão platonista da matemática consiste fundamentalmente na tese segundo a qual as verdades matemáticas são acerca de entidades sem localização espaciotemporal cuja existência independe de quaisquer crenças ou teorizações humanas. Nessa perspectiva, as afirmações mais simples da aritmética, por exemplo, são acerca de objetos, tal como a afirmação contida na frase “Platão é mortal” também o é: o nome próprio contido nessa frase refere a pessoa Platão e, analogamente, o numeral “3” — contido na frase “3 é um número primo” — refere o número 3. Os referentes dos termos “Platão” e “3” têm, contudo, naturezas distintas, dado que no primeiro caso trata-se de um objeto espaciotemporal e no segundo, de um objeto abstrato. Ao adicionarmos ao platonismo tradicional o princípio da plenitude segundo o qual todos os objetos matemáticos que logicamente poderiam existir existem,

⁴¹ Respectivamente: Alessandro Bandeira Duarte - Professor associado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Email: dedekindbr@nulfic.org. André Pontes - Professor adjunto na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: philospontes@gmail.com. Daniela Soares - Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Lógica e Metafísica (PPGLM-UFRJ). Email: danielams.d@gmail.com.

⁴² Doutoranda do PPGLM da UFRJ, sob a orientação do Prof. Guido Imaguire e com o apoio financeiro da 1 FAPERJ.

obtemos aquilo a que podemos chamar platonismo da plenitude. Greg Restall (2003) apresenta uma série de objeções inter-relacionadas contra tal forma de platonismo, procurando mostrar, basicamente, que um de seus principais defensores — a saber, Balaguer (1998) — não desenvolveu uma versão plausível de platonismo matemático. Nessa comunicação, apresento a primeira parte dessas objeções — nomeadamente, a parte na qual Restall tem por objetivo mostrar que interpretado formalmente, o princípio da plenitude implica uma contradição —, chamando a atenção para o fato de que Balaguer já havia concebido esse tipo de objeção contra a sua posição e fornecido-lhe uma réplica plausível.

Palavras-chave: Metafísica; Platonismo; Platonismo da plenitude.

‘SATZ’ COMO ‘BILD’ E ‘SATZ’ COMO ‘MAßSTAB’: O DESENVOLVIMENTO DE UMA METÁFORA.

Prof. Dr. Marcos Silva⁴³

Resumo: Uma característica que torna a língua alemã filosoficamente atraente é a impressão comum de que, nela, parece haver uma palavra para cada nuance de sentido. Podemos observar, contudo, que muitas noções centrais para a Filosofia de Wittgenstein são palavras alemãs vagas ou ambíguas: como ‘Satz’, ‘Bild’, ‘Deutung’, ‘Spiel’, ‘Maßstab’ etc. Esta contribuição defenderá que esta polissemia pode ser também filosoficamente relevante. Para tanto, vamos tomar como exemplo a evolução da metáfora de régua (Maßstäbe). Esta foi apresentada marginalmente no *Tractatus* (1918) para ilustrar como determinamos o sentido de proposições (significativas). A partir de 1929, após alguns problemas lógicos acerca do estatuto da necessidade e da exclusão em alguns domínios linguísticos (como na atribuição de cores a pontos visuais e de graus a qualidades empíricas), a metáfora de régua toma gradualmente a centralidade da discussão. Nesta palestra, investigaremos, dentre outras coisas, como e por que esta metáfora motivou a emergência das discussões de normatividade na Filosofia de Wittgenstein no começo da década de 1930. Isto pode ser explicado porque régua (Maßstäbe) não são só instrumentos de medida, mas também são objetos de referência. 'Maßstäbe', em

⁴³ Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFS (PPGF-UFS).